Na Escola, Fora Dela

Estudando (N)As Ruas De Uma “Periferia” Amazônica

Alan Augusto Moraes Ribeiro

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/520>

DOI: 10.4000/pontourbe.520

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrônica

Alan Augusto Moraes Ribeiro, « Na Escola, Fora Dela », *Ponto Urbe* [Online], 12 | 2013, posto online no dia 31 julho 2013, consultado o 20 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/520> ; DOI : 10.4000/pontourbe.520

Este documento foi criado de forma automática no dia 20 Abril 2019.

© NAU

Na Escola, Fora Dela

Estudando (N)As Ruas De Uma “Periferia” Amazônica

Alan Augusto Moraes Ribeiro

Introdução: escolas de “periferia”, em uma cidade Amazônica

- 1 Este artigo é uma reorganização do segundo capítulo de minha dissertação de mestrado, realizada entre Setembro de 2008 e Novembro de 2010, sobre cotidiano escolar e ofensas verbais entre estudantes do ensino médio¹ da Escola Estadual de Ensino Médio “Gov. Alexandre Zacharias de Assumpção”, o “Zaca”² e na Escola de Ensino Infantil, Fundamental e Médio “Madre Zarife Sales”, particular, confessional católica, o “Madre”, ambas do bairro do Guamá, o maior bairro de Belém do Pará, com mais de 100 mil habitantes. As duas escolas são definidas pelos moradores do Guamá como “as melhores escolas” do bairro, a primeira para quem não pode e a segunda para quem pode pagar mensalidades.
- 2 Embora ainda se use o termo “bairro de baixada”, sobretudo por pessoas mais velhas, para designar os bairros não-centrais da capital do Estado do Pará, a expressão “periferia” é usada recorrentemente pelos estudantes do bairro com quem conversei. Assim, “Zaca” e “Madre” estão localizadas, portanto, no bairro do Guamá, periferia de Belém, respectivamente na Rua Barão de Mamoré e na Av. Barão de Igarapé Mirim. Estas duas vias públicas, ao lado da Av. José Bonifácio, Av. Castelo Branco, Rua Silva Castro e Pass. São Pedro e São Paulo são as vias que delineiam, no Guamá, o que alguns estudantes definem como uma “*parte boa pra morar*”, um tipo de classificação que serve como critério para estabelecer ou não interações entre estudantes. Da entrevista realizada com um estudante do “Madre”, destaco o seguinte trecho:

Pergunta (P): Você mora onde?

Resposta (R): Na Rua João de Deus, vai com Deus! (risos).

P: Como é morar na sua rua?

R: É bacana lá, tem as coisas lá, mas pra cá pra essa parte, aqui da Barão e da José Bonifácio, é mais bacana pra cá pra essa parte, daqui da escola.

P: Por que é mais bacana pra cá?

R: Ah, é... Tem uma parte que é melhor aqui... Porque eu moro na João de Deus que é quando tu desce que tu tem uma parte que é meio baixada, que é aí pra dentro do Guamá que é o riacho [Doce] e umas ruas pra lá pro fim da feira, passando a Ezeriel. Mas se tu sobe pra vir pra escola e aí dá pra ver que tem essa parte que é mais da parte boa daqui do bairro que é movimentada que é a José Bonifácio, a Silva Castro, aqui a Barão... [de Igarapé Mirim], essa rua aí... A Castelo também é um pouco assim mais dessa parte...

P: Onde você mora não é uma parte boa?

R: É, mas aqui é melhor... Porque tu é bem visto né, pra essa parte né?

P: Como assim, bem visto como?

R: É... Assim... A pessoa tem um status porque é boa a rua, asfaltada e as casas são bonitas entendeu, não tem muito ladrão (risos)³.

- 3 A correlação direta entre “*parte boa de morar*”, ser “*bem visto*” e ter um “*status*”, sugere existir no depoimento deste estudante uma hierarquização simbólica interna dentro do Guamá, expondo percepções heterogêneas sobre o seu espaço, jornalisticamente apresentado, no contexto regional, sob o viés da violência⁴. A “*parte movimentada*” descrita pelo estudante consiste em um perímetro com intensa movimentação financeira e comercial que também abriga três condomínios fechados inaugurados em 2008 e 2009⁵. Neste contorno estão localizadas as escolas pesquisadas.
- 4 Assim, neste artigo pretendo descrever rotas e fluxos realizados por estudantes do “*Zaca*” e do “*Madre*” em vias públicas do bairro no ir e vir entre casa e escola, em residências, espaços públicos e pontos comerciais. Essas rotas e fluxos denotam, por um lado, a importância da escola como espaço de formação educativa e de canal de mobilidade social para estes estudantes na medida em que organizam certas tarefas educativas no momento em que realizam tais roteiros, bem como articulam, por outro lado, a possibilidade de tergiversar a ausência de espaços físicos para a realização de atividades escolares e de lazer fora da própria residência ou das próprias escolas⁶, ajudando também a driblar a violência urbana presente nas vias públicas do Guamá.
- 5 Simultaneamente, tais caminhos revelam maneiras de hierarquizar as relações entre os estudantes a partir do “*morar bem*”, isto é, do *local de moradia*, que entre eles, é uma variável importante a partir da qual se constroem maneiras de avaliar uns aos outros. Casas, ruas, escolas e outros lugares se tornam, portanto, espaços estratégicos para se andar pelo bairro. “*Zaca*” e “*Madre*” são os principais pontos de partida.

Um método para entrar nos grupos ou uma pesquisa na ex-escola?

- 6 Realizar entrevistas formais, fazer registros de depoimentos e de conversas em cadernos de anotações, acompanhar os estudantes durante dois anos, semanalmente, nas residências, nas escolas e nas vias públicas foram ações indispensáveis para fazer a pesquisa. Mas ser apresentado oficialmente pela diretora das duas escolas como um “pesquisador da UFPA”, “ex-estudante” do “*Zaca*” e que “chegou lá”, na Universidade, não teve preço. Esta “carteirada” me possibilitou o ingresso quase automático na vida dos estudantes, sem contar com o fato de que, como morador do bairro na época da pesquisa, já “enxergava” alguns dos estudantes: sair da rua onde morava e saber que no fim do dia veria aqueles que, ficcionalmente, eram meus interlocutores lá nas escolas, ajudou bastante. Por isso, tentar mostrar que, para os estudantes do Guamá que vi de perto o vivido fora da escola importa muito para o que acontece dentro dela, não foi uma

tentativa tão complicada, embora nada fácil. Afinal de contas, a prática de etnografia em escolas já teve que ser defendida de acusações de superficialidade e de descrição, cujos resultados não contribuiriam com mudanças relevantes nas práticas pedagógicas dos professores (Watson-Gegeo, 1988, p 586).

- 7 De todo modo, o que escreverei aqui diz respeito as duas escolas que estão localizadas no mesmo bairro da "baixada" (para os mais velhos) ou da "periferia" (para os mais novos) da região metropolitana de Belém, separadas por cerca de 150 metros de distância. O "Madre" é visto como a melhor escola do bairro, porque "ela oferece um bom ensino" e "é tradicional", já o "Zaca" é visto como uma "boa escola pública de ensino médio aqui no bairro" (em ambos os casos essa qualidade é limitada, sendo oferecida desigualmente dentro das escolas. Mas isso não é assunto para este artigo).
- 8 Neste artigo quero destacar, sobretudo, a vida fora da escola, em um enfoque que privilegie a associação entre educação, lazer e vida urbana, onde classe, raça e gênero aparecem como marcadores de inclusão-exclusão sempre definidos como critérios arbitrários dentro de redes de sociabilidade dos grupos de estudantes.
- 9 Para fins de orientação própria, sem construir uma discussão profunda sobre os conceitos (já que, como assinalai, meu foco de discussão é outro), vale dizer que como uma categoria política relacional que traz para a prática social e para o processo histórico as capacidades reprodutivas e as diferenças sexuais dentro de relações mutáveis, gênero é um critério que estabelece acessos, ingressos, desconfias e exclusões construídas historicamente, em situações concretas (Connel, 1995, p. 189), verificando o modo como ela se articula com a noção de Raça/Cor para se constituírem como marcadores de diferença fundamentais para a compreensão de um cotidiano de práticas sociais na escola (López, 2002, p. 116) Em outras palavras, esta autora escreve que

To understand why woman attain different education performance in face of men, I investigated race (ing) and gender (ing) processes in the school setting. High school is a crucial site for exploring the origins of the gender gap because it is in this institution where it begins to become most pronounced. I therefore focus on how ordinary day-to-day school practices and class-room dynamics are racial (ized) and gender (ed), and in turn shape men's and women's views about the role of education in their lives. (López, 2002, p. 118).
- 10 Tentar identificar e descrever como essa intersecção entre classe, raça/cor e gênero desenham na prática o vivido do cotidiano escolar construído por estudantes, professores e gestores entre duas escolas no Guamá é se arriscar a fazer essencialismos sem querer; é também tentar construir alguma coisa de novo, não inédito, mas de certo modo renovador – ao menos para mim –, desconstruindo-me como ex-estudante da escola que vivencia estes marcadores no lugar simbólico que essa identificação me estipula, aprendendo também a não-ser, sendo, recompondo uma epistemologia sobre mim mesmo, ao voltar para a escola onde estudei, com o que aprendi depois dela.
- 11 Embora eu possa ter feito um *crochet* de citações⁷, uma mescla estafada de referências teóricas diversas para entender o vi de perto, ainda assim acredito que um certo exagero de noções e terminologias mobilizadas neste trabalho se justifica pela própria diversidade das informações sistematizadas, bem como pela impossibilidade de tomar o que registrei durante a pesquisa como algo simplório ou fácil.
- 12 Como minhas incursões à escola não se deram apenas em seus espaços internos, o que mais fiz foi sair delas junto com os estudantes. Acordar às 07h30min, esperar o toque da campanha de liberação para a entrada dos estudantes, escolher previamente duas ou três

aulas para assistir, em várias turmas, conforme o dia da semana planejado para esta ou aquela instituição, dependendo da negociação previamente feita com professores e gestores, bem como sair de uma escola e visitar a outra, perguntando sobre qual seria o itinerário ou caminho a ser feito antes de retornar para a casa foi um exercício cansativo, estafante, mas útil e necessário.

- 13 No turno vespertino, esse exercício era realizado do mesmo modo, mas com diferenças significativas. Embora eu alterasse tal exercício entre manhã e tarde, para acompanhá-los durante os caminhos pós-escola, chegar antes das 13h30min (horário oficial de entrada em ambas as escolas) era precedido de um rápido almoço em minha casa e às vezes, um lanche rápido em alguma lanchonete do bairro. Ir à casa de algum estudante, acompanhando-o junto aos seus colegas era parte de um roteiro que consumia o dia e a semana, mas que, provavelmente, já estava sendo feito antes da escola (meu ponto de partida era a escola, mas não sei se era o ponto de partida deles).
- 14 O que sei, depois de finalizar a pesquisa de campo, é que as "amizades" com estudante das duas escolas foram feitas com base na autoridade que a "carteirada" das diretoras me deu durante os dois anos de pesquisa. Foi com base neste poder – de ser da UFPA e ser um "universitário do bairro" – que participei dos "coletões" e comi "brocões"; foi por conta desta relação que os acompanhei algumas vezes, sob muitas perguntas acerca do significado do meu trabalho, nas andanças pela Orla fluvial do Campus da Universidade Federal do Pará (UFPA). No fim do dia, deles me despedia, deixando-os na beira, sabendo que possivelmente no veríamos em qualquer outro dia, pelas vias públicas do Guamá. Eles ainda visitam a Orla, malgrado a morte por afogamento de um estudante do "Zaca" em Abril de 2010⁸ e as proibições dela decorrentes no que tange à entrada destes estudantes no Campus do Guamá (mesmo assim, retiram a camisa da escola e continuam a fazer as mesmas Andanças).

Errando para Acertar: caminhando por casas, ruas e escolas

- 15 Errâncias Urbanas é uma prática social relativa a uma noção que designa um "[...] simples ato de andar pela cidade", apresentada como uma crítica social a um urbanismo concebido como disciplina de intervenção e controle da movimentação das pessoas pelo espaço urbano (Jacques, 2005, p. 20). Os *Errantes* são sujeitos que realizam um tipo de nomadismo no espaço urbano. São, por conta disso, assim denominados em referência aos três momentos históricos desta prática, simultâneas a própria história da formação do Urbanismo como um campo disciplinar⁹. Em termos de experiência social, os Errantes simbolizam o resgate da tradição histórica de viver a cidade por meio de estratégias de re-apropriação do espaço ocupado pela privatização, pela gentrificação (Jacques, 2005, p. 17; Mendes, 2007, p. 22)¹⁰.
- 16 Ao escrever sobre Errâncias Urbanas, Paola Jacques se refere, no âmbito dos estudos urbanistas, a um movimento de re-apropriação do espaço urbano pelas camadas populares, dos lugares públicos tomados pelo fenômeno de espetacularização turística. Em oposição a essa espetacularização, os Errantes seriam grupos de pessoas que de modo voluntário ou espontâneo se reapropriariam de lugares e espaços públicos gentrificados por meio de estratégias próprias, andando pela cidade e retomando espaços *espetacularizados e patrimonializados* pela gentrificação.

- 17 Como um simples ato de andar, as Errâncias consistem em uma movimentação que se dá sem planejamento prévio, sendo definidas como *investigações* de um “urbanismo poético”, na medida em que consistem em experiências físicas que recuperam a humanidade das cidades (Jacques, 2005, p. 24). Este ato expressa uma utopia de poder andar instintivamente pelos bairros, nas grandes cidades, suplantando a violência e ocupando transitoriamente espaços privatizados (Jacques, 2005, p. 17).
- 18 Mesmo que sem a “consciência” de estar efetivando atos politicamente críticos a patrimonialização-musealização, Errâncias pode servir como um designativo, com seu correspondente semântico, para o ato de retomar espaços gentrificados, privados ou públicos. No Guamá, parece que esta intenção pode ser encontrado na ação dos estudantes do “Zaca” e do “Madre” no ir e vir de suas escolas, passando pela casa e pelas vias públicas, estudando *n/estes* espaços e vivendo *n/a* rua como um espaço oposto ao privado, tornando-a suporte da sociabilidade urbana (Magnani, 2009, p. 03), assim realizada enquanto fazem os caminhos deste ir e vir.
- 19 José Cantor Magnani (1992, 2002, 2003) articulou duas categorias analíticas em suas pesquisas em São Paulo, a saber, *Trajetos* e *Pedaço*¹¹. A segunda é aqui tomada como ponto de partida para pensar noções êmicas similares entre os estudantes no Guamá, isto é, “*meu setor*” e “*lá na rua*”: dois nominativos que podem ser vistos como referencialidades identificatórias sócio-espaciais que exprimem modos grupais de apropriação positivada do espaço de moradia entre os estudantes.
- 20 Assim, *Trajetos* é pensado, a partir do que o autor estipula, como uma categoria que exprime escolhas lógicas, embora minimamente aleatórias em suas possibilidades de combinação, que abre os espaços fechados dos bairros periféricos para a esfera pública ampla da cidade por meio dos caminhos que os sujeitos fazem por ela. Os *Trajetos* não devem ser pensados de modo reificado, restritivo ou comunitarizante (Magnani, 2002, p. 18; 1992, p. 198). Os *Trajetos* não são caminhos “livres” e “aleatórios” como denotam as Errâncias. São rotas que se referem a decisões arbitrárias prévias, de certo modo determinadas pelas redes de relações pessoais do *Pedaço*.
- 21 Se cotejada à metáfora do simples ato de andar pela cidade denotada pelas Errâncias, a noção de *Trajetos*, que exprime a ideia de escolha lógica, pensada e previamente definida (Magnani, 1992, p. 200) ajuda a identificar os roteiros nos quais se vivem sociabilidades estudantis fora dos espaços escolares. Ou seja, andar pelas vias do bairro entre os estudantes é, ao mesmo tempo, escolha pensada e *flanância* aleatória; é combinação arbitrária e *deambulação* lúdica, sentidos presentes de modo simultâneo em uma sociabilidade estudantil como ato de valorização da escola.
- 22 Com *Errâncias-Trajetos*¹², portanto, pretendo verificar como, entre estes estudantes, sistemas de classificação ajudam a sistematizar categorias hierárquicas e inter-relacionadas que são utilizadas para sistematizar o mundo social destes grupos (Velho, 1975, p. 65), especificamente as práticas de circulação que são feitas nas ruas do Guamá, em razão do ir e vir da escola, do viver a escola como espaço referencial de si e dos outros e que recuperam espaços de certo modo gentrificados. Com *Errâncias-Trajetos* quero exprimir os dois sentidos simultâneos que esta expressão denota para pensar os caminhos entre casa e escola realizados por **grupos de estudantes**¹³ do “Madre” e do “Zaca”, escolas que são vividas como pontos de encontro de quem é estudante do Guamá, de quem é “*sacado*”, “*enxergado*” como morador do bairro.

- 23 Definidas como referencialidades identificatórias, “*meu setor*” e “*lá da minha rua*” são mobilizadas como critérios com base nos quais se definem quem entra e quem sai de determinado grupo de estudantes, quem pode ou não pode ser da “*nossa patota*”, bem como aqueles que podem “*andar com a gente*”, que podem ser da “*nossa galera*”. Ou seja, os grupos de estudantes desenvolvem critérios de seleção de colegas para realizar os roteiros das Errâncias-Trajeto. Ao mesmo tempo, formam-se também com base nestes vínculos os grupos de estudos, que juntos realizam atividades e tarefas escolares, estudos em grupo e preparação para as provas avaliativas. Se para definir quem é de certa “*patota*” a pertença ao “*setor*” se torna um critério central para alguns grupos de estudos, para outros é apenas um dentre outros critérios. De todo modo, o que se parece exigir é uma combinação fortuita e arbitrária, marcada pela posse de certos bens materiais para incluir determinado colega na sociabilidade dos grupos de estudantes, que, ao mesmo tempo, realizam Errâncias-Trajeto.
- 24 Esta sociabilidade, que pode ser sintetizada aqui, quase que emblematicamente, por uma noção de sociedade que consiste em um “[...] estar com o outro, para um outro, contra um outro que, através do veículo dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais e individuais” (Simmel, 1983, p. 167-168), fornece-me elementos para pensar tais relações entre os estudantes com e nos vários lugares do bairro. O consenso persistente de interação, sob uma forma lúdica de sociação (p. 169) faz com que a escola, para estes estudantes, se transforme em parte do “*meu setor*”, em torno do qual se planejam os roteiros das Errâncias-Trajeto.
- 25 É por conta disto que ela se torna a “*minha escola*”, o lugar “*onde eu estudo*”. Em face disto, para que a sociabilidade seja vivida como uma maneira de interação na qual os participantes se mostrem simultaneamente interessados e descomprometidos, os estudantes que vi de perto parecem estar mais interessados do que comprometidos nos assuntos tratados dentro dos jogos de sociabilidade, uma vez que as diferenciações hierárquicas entre eles também são acionadas por meio da avaliação que fazem em face de noções locais de prestígio e pertencimento. Por conta disso, os termos “*avil*”, “*parceiro*”, “*mana*”, “*companheira*” e “*mala*” são usados para determinar quem é do grupo, comunicando quem vai andar com quem, quem vai ser membro preferencial para participar do “grupo de estudos” ou apenas das Errâncias-Trajeto. Quem for designado por tais expressões está no grupo; quem não for, está fora. Neste estar com o outro, estes estudantes transformam “*Zaca*” e “*Madre*” em “*meu setor*”, “*minha escola*”, tomando-as como referencialidades identificatórias para se realizar as Errâncias-Trajeto.
- 26 Porém, antes de poder explorar as Errâncias-Trajeto, penso ser necessário explicitar dois outros elementos desta dinâmica, isto é, (a) quem participa das Errâncias-Trajeto, e simultaneamente, (b) o que define a participação nos grupos de estudos em cada escola. Estipulo no quadro abaixo alguns “critérios” que registrei junto aos estudantes, que parecem ser ponto de partida da formação dos grupos de estudantes “errantes”. Depois, descrevo os tipos de Errâncias-Trajeto que identifiquei na pesquisa.

Quadro A: “critérios” em ordem de relevância para a formação dos grupos

1. “Estudar no bairro”	2. “Morar em casa de alvenaria”
3. “Morar em rua boa”	4. “Estudar na mesma escola”

5. “Ser colega de sala de aula”	6. “Fazer cursos pré-vestibulares ou cursos de línguas”
7. “Morar na mesma rua”	8. “Realizar o mesmo caminho para a escola”
9. “Possuir quarto e bens de consumo duráveis (computador, TV, vídeo-game, etc.) próprios”	10. “Morar em vias próximas”

- 27 De modo geral, todos estes “critérios” podem ser resumidos pelo termo “*morar bem*”, polarizada ao termo “*morar ruim*”, oposição presente na fala de alguns estudantes. Assim, quem reside nas *ruas centrais* e em *casas de alvenaria* ou de *tijolo* possui status e prestígio entre os estudantes: “*mora bem*”; quem não está nas ruas centrais e adjacentes “*mora ruim*”, pois pisa em ruas de terra batida, ruas do “*me roba*” (gíria local para os *lugares perigosos* dentro do bairro), esburacadas e sem saneamento básico, estigmatizadas como violentas. De modo geral, estes dois registros se referem a interações entre os estudantes que se remetem a distinções sociais concebidas hierarquicamente. “*Morar bem*” x “*morar ruim*” são nominativos que podem ser vistos como codinomes nativos distintivos para classe social. Por isso, o estudante que *mora bem*, embora também suscetível à violência do bairro, sem necessariamente ter renda familiar característica das camadas médias locais, articula os nominativos para simbolizar um *viver bem* e, assim, diferenciar-se.
- 28 Por enquanto, quero chamar a atenção para a dinâmica de formação grupal entre os estudantes que, se por um lado evidencia o valor do ato de estudar na vida fora da escola, expõem por outro lado divisões, assimetrias e hierarquizações construídas na vida urbana. Falo aqui do “*morar bem*”. Isto é, entre os estudantes que vi de perto, *morar* em uma casa de madeira com um, dois ou três “*compartimentos*” é adquirir junto aos seus colegas – mesmo entre os que residem na mesma rua e freqüentam a mesma escola – um tipo de prestígio e reconhecimento positivo que não é o mesmo de outro colega que reside em uma residência que seja de alvenaria, “*azulejada*”, com um pátio gradeado e com mais de três dormitórios: à este último cabe um *prestígio* maior.
- 29 O que quero dizer é que a categoria identificatória “*morar bem*” se torna uma síntese que agrupa todos os critérios positivos – ou negativos – de um estudante bem cotado entre seus colegas na formação dos grupos. Ou seja, os membros dos grupos de estudos parecem ter uma tendência em escolher o estudante que “*mora bem*” para recebê-los em sua “*boa casa*”, quando realizam ou não as Errâncias-Trajetos. “*Morar bem*”, deste modo, é deter a maioria dos critérios assinalados no quadro acima, sobretudo aqueles que se referem ao que está estritamente fora da escola, obtendo aceitação no grupo de estudantes, sobretudo entre os grupos de estudantes do “*Madre*”.

Errâncias-Trajetos I: Vilegiaturas

- 30 O termo *Vilegiatura* – e *Andança* –, emprestado do trabalho sobre “circulação de crianças” elaborado por Motta-Maués; Igreja; Dantas (2008) e Motta-Maués (2009) foram usados para designar fluxos e caminhos hierarquizados das crianças por residências de membros da rede de parentesco das crianças, escolas e atividades educacionais de apoio pedagógico e de lazer (estes últimos, principalmente, para as crianças de camadas altas e médias). Os

termos explicitam a ação que os professores e colegas de natação, balé, música, etc. exercem no sentido de dividir a socialização extra-familiar daquelas, posto que estes professores e colegas estão mais presentes no seu dia-a-dia do que de seus próprios familiares, pais e mães.

- 31 Essa prática parece ser similar ao que estudantes adolescentes do “*Madre*” realizam no Guamá ou em outros bairros adjacentes, como aqueles que participam de treinamento de futebol de salão ou voleibol em uma quadra poliesportiva localizada na rua Barão de Mamoré; outros, os que podem pagar a mensalidade de treinamentos, praticam artes marciais como Karatê, Judô ou Capoeira na própria escola.
- 32 Tanto as moças como os rapazes fazem cursos de reforço curricular voltados para provas de vestibulares, como Física, Química e Matemática, além das próprias disciplinas da escola; outros fazem cursos pré-vestibulares completos que estão localizados fora do Guamá, mas próximos a ele, isto é, em bairros como São Braz, Cremação, Batista Campos e Canudos, adjacentes geograficamente ao Guamá. Tipificando melhor, há dois tipos de *vilegiaturas*, sobretudo entre os estudantes do “*Madre*” do matutino, majoritariamente autotclassificados como brancos.

Vilegiatura escolar interna

- 33 Estudantes do turno da manhã entram na escola até 7hs e 30min. Saem dela por volta das 14hs. Voltam para a casa, para o almoço e depois retornam para a escola para cursos de Karatê, Judô, Música, futebol de salão ou reforço escolar. Retornam para a casa por volta das 19h. Geralmente, são duas ou no máximo três atividades extraclasses realizadas pelos estudantes. Os da tarde fazem essas atividades extraclasses durante o período letivo de aula dos estudantes da manhã. O horário letivo da tarde inicia-se às 13h e 30min e termina às 19hs. Pode-se dizer que há um tipo de *circulação intra-escolar* dentro do “*Madre*”.

Vilegiatura escolar externa

- 34 Após o término do horário de aula, estudantes do terceiro ano, sobretudo do turno da manhã – não obtive informações acerca de estudantes do turno da tarde que fazem essa Vilegiatura – voltam para casa e depois saem do Guamá para cursos pré-vestibulares ou atividades de reforço pedagógico de matemática, cursos específicos de Física, Química e Biologia, aulas de dança, de música, de línguas ou natação. Esse percurso, em média, termina por volta das 20hs.
- 35 Existem pouquíssimos estudantes do “*Zaca*” que realizam Vilegiaturas (conheci apenas dois caso) se comparados ao grande número de estudantes do “*Madre*” que têm o dia composto por atividades educacionais e de lazer extra-escolares. Também têm o dia “agendado”, de segunda a sábado, pois as atividades realizadas acontecem mais de cinco vezes por semana, ou seja, os cursos pré-vestibulares. Esse agendamento do dia dos estudantes acaba realizando um serviço de auxiliar-reforço da escolarização dos filhos, dividindo com os pais a “responsabilização” pela socialização e educação dos mesmos, prática similar ao que assinalam as autoras no trabalho supracitado.

Errâncias-Trajetos II: as Andanças

1º Tipo:

- 36 Esta andança passa pela orla fluvial do Campus da Universidade Federal do Pará, no Guamá. Grupos de estudantes, cuja composição varia de cinco (5) a sete (7) integrantes, quando saem da escola fazem o que eles chamam de “coletão”, isto é, depois da soma das parcas quantias de dinheiro que alguns possuem (raramente *todos* dispõem de dinheiro) saem pelos supermercados, farmácias conveniadas¹⁴ ou lanchonetes para comprar produtos de consumo rápido como pães, biscoitos, chocolates, refrigerante ou bebida alcoólica.
- 37 Nos supermercados e nas farmácias conveniadas passam parte do tempo olhando algumas mercadorias, como celulares e bijuterias e experimentando outras, como cosméticos e perfumes. Depois, se deslocam para a orla do rio do campus para por lá ficar, conversar, copiar o conteúdo da matéria cuja aula não foi assistida, ler algum texto que precisa ser estudado para a aula do dia seguinte, paquerar, namorar, brincar, beber, comer. Todavia, a permanência nesta orla é sempre observada pelos guardas do Campus. Vale ressaltar que a presença de moradores dos bairros que cercam o Campus da UFPA – por exemplo, os do Riacho Doce – tem acesso restrito a ele, pois há um grande controle de entrada de *pessoas estranhas* à comunidade acadêmica. Neste primeiro tipo, a presença das moças é geralmente superior à presença dos rapazes nos grupos de estudantes do “*Madre*” e do “*Zaca*”.

2º Tipo:

- 38 Esta andança também é precedida pelo “coletão”, passa pelos pontos de comércio do bairro, que podem ser Tabernas¹⁵ ou mesmo os Supermercados e Farmácias conveniadas, e termina na casa de algum dos membros do grupo com o “*brocão*”; isto é, nesse segundo tipo de andança há a compra de produtos que serão preparados na casa de algum dos estudantes (que “*mora bem*”), como enlatados, comidas instantâneas e/ou os produtos de consumo rápido que são comprados pelos que fazem o primeiro tipo de andança, com exceção das bebidas alcoólicas. Quando cozinhar é necessário, as mulheres dos grupos é que assumem a feitura das comidas.
- 39 Enquanto isso, na TV da sala que geralmente exibe vídeos-clipes de Reggae, Hip-Hop e de festas de Tecnobrega que todos escutam, outros rapazes e moças conversam sobre os assuntos curriculares, fofocam sobre professores e outros colegas, sobre quem ficou com quem, quem fez sexo com quem¹⁶ e sobre quais serão os assuntos disciplinares que “*cairão*” nas provas. Nesta andança, que é feita geralmente entre membros dos grupos de estudantes da mesma sala e série, pode ocorrer, depois da comensalidade e da diversão, a realização e confecção dos trabalhos para apresentação grupal em seminários, sobretudo das disciplinas História, Biologia, Artes e Geografia, bem como estudam, em períodos de avaliação, os assuntos e temas das provas. Enquanto metade do grupo produz ilustrações em cartolinas do conteúdo do texto, a outra metade faz o texto para a leitura e exposição em sala de aula.

3º Tipo:

- 40 Esta andança é geralmente realizada próximo da escola, em *Lan-Houses*, salas de jogos eletrônicos, e, sobretudo, na secção de eletroeletrônicos de duas lojas de departamento situadas na av. José Bonifácio. Nestas duas lojas, computadores e notebooks conectados à internet ficam disponíveis aos clientes. Notei que a presença dos estudantes do “Zaca” e do “Madre” compete com a presença de alunos de outras escolas do Guamá. Os sites mais visitados pelos por eles são redes sociais da internet como Orkut, Facebook, MSN, etc. Além de navegar por estas comunidades virtuais, por meio destas redes se agendam os encontros dos grupos de estudos.
- 41 A presença constante dos alunos das escolas nestes espaços particulares, usando diariamente os aparelhos computadores da loja, não parece incomodar os vendedores. Nesta andança ocorrem também visitas à casa de algum membro do grupo, para tomar água, conversar e conhecer o “setor” do colega, onde *ver* e *ser visto* para ser reconhecido, “sacar” onde mora o colega, como mora, para saber se a casa do colega é ou não é “sujeira”, “me roba” ou verificar se o colega “mora bem” é uma das intenções deste tipo de Andança. Entre muitos estudantes, visitar a casa de um colega que resida em “ruas de ladrão” saindo da escola é uma prática comum de “conhecer” o seu “Setor”, uma vez que, a “fama” de ser “me roba”, onde existem muitos “latrox” (gíria local para ladrão ou assaltante) faz com o estudante seja um dos que “moram ruim”.

4º tipo:

- 42 Esta andança é um tipo de *visitação*, consiste em sair do “Zaca” ou do “Madre” e visitar colegas de outras escolas no Guamá que são “parceiros” de rua, do “setor”, “lá da rua”, de “perto de casa” ou é um “avil” com quem algum membro do grupo estudou em séries anteriores a qual se está no momento, para depois visitar outros colegas de uma terceira escola, cujo contato prévio dessa *visitação* já foi agendado pelo Orkut ou MSN, por email ou mensagem de celular. Os homens quando visitam outros homens, fazem sempre em grupo: “pega mal sair daqui pra ver outro macho”, como me falou um estudante. Quando os meninos e as meninas saem do “Zaca”, o objetivo também pode ser uma paquera, encontro agendado pelas redes sociais da internet; parece que além de “pegar a moleca na escola”, o mais importante é divulgar isso, sobretudo quando a estudante é do “Madre” – parece que há um prestígio em namorar estudantes do “Madre”, tanto entre as meninas como entre os meninos do “Zaca”.
- 43 Depois de se agruparem, juntos, andam até chegarem à casa de cada um, costurando uma andança que vai se desenlaçando na medida em que cada um ou uma chega a sua casa. Esse tipo de andança somente é possível porque os membros desse grupo moram em vias próximas ou na mesma rua. Quando moram na mesma rua ou avenida, o papo somente termina por volta das 13h10min horas para o turno da manhã e 19h40min horas para o turno da tarde – ora, a última aula, do período letivo de horários disciplinares para cada turno respectivamente, termina nesses horários. Ai é hora de voltar pra casa, pois pode “rolar a escrotação”¹⁷, pode “rolar o espancamento”. Vale acrescentar que poucas aulas se estendem até o último horário letivo.

Errâncias-Trajetos III: os Périplos

- 44 No caso dos *périplos*, quando Haley (1976) escreve sobre o ritual de apresentação feito pelos membros do amplo parentesco de Kunta Kinte, fala também de *périplos* que este personagem e seus pais realizam para visitar os parentes que vivem na “aldeia ao lado, atrás daquela que se vê do olho de nossa terra” (p. 198), da terra Juffure, mas que não pode ser acessada diretamente, pois as terras vistas separam-na dos campos patrilineares, pelos quais não se andam. Estes campos estão fora do sangue Juffure. Isto é, *evita-se* um caminho e *escolhe-se* outro quando se sai da terra matrilinear Juffure. Passa-se por terras amigas, evitam-se as desconhecidas.
- 45 Essa expressão *périplo* designa o caminho de contorno que os parentes de Kunta fazem para chegar à aldeia patrilinear. Na história contada por Haley, Kunta e seus parentes não podem caminhar pelos territórios de aldeias próximas que encurtam o caminho para a aldeia matrilinear, pois estão fora do sangue de seu povo. Por isso o caminho para se chegar a terra virilocal se estende, porque não possuem autorização ritual, não conhecem os donos destas terras e, sem autorização ritual, podem ser atacados caso cruzem tais territórios. Há perigo em se pisar em tais terras sem autorização. Daí o longo contorno realizado, “durante todo um alvorecer” (p. 102), para obter a benção do avô patrilinear para Kunta.
- 46 Há uma similitude – uma metáfora literária, como denota as Errâncias – entre a oposição *evitação x privilegiamento* dos caminhos escolhidos pelos estudantes para se chegar à escola e voltar dela para suas residências com a *evitação x privilegiamento* que permeia as rotas da família de Kunta. Ou seja, por um lado, percebi que “o evitar” algumas ruas, travessas ou becos para se chegar à escola e voltar dela e, de outro, “o privilegiar” outras vias também se associam (nesse caso, se evitam) ao medo, ao perigo, à evitação da violência no bairro, mas também viabiliza (privilegia) a construção de sociabilidades, vividas como um jogo de interação social¹⁸. Mesmo assim, a metáfora, Périplo situa essas escolhas de caminhos muito mais no plano do deliberado, deixando o incidental, o contingente e aleatório para a prática das Andanças, que todos fazem, tanto os estudantes que pagam mensalidade (do “Madre”) como os que não pagam (do “Zaca”). O critério principal em escolher certa via é a violência que supostamente existe nela (assaltos, pontos de vendas de drogas, extorsões, intimidações, etc.). A existência ou não da pavimentação ou asfaltamento desta mesma via pela qual se faz o itinerário é um fator adotado, mas em associação com o primeiro critério.
- 47 Estas características são influências principais para se costurar outros caminhos, compondo périplos dos estudantes que encaixam outros lugares, que ajustam outros pontos de referência que não são a sua própria escola, rua ou casa, mas podem ser outras escolas, ruas, outros lugares ou outras casas. Usarei para isso informações colhidas por meio de um questionário aplicado nas escolas com as seguintes perguntas: 1) “Quais são as ruas e/ou avenidas pelas quais você caminha para chegar à sua escola?” 2) “Quando você retorna à sua casa, você caminha pelas mesmas ruas?” 3) “Porque você escolhe tal caminho, qual são os motivos e razões?”. As respostas foram agrupadas como fatores e estão simbolizadas por trechos de depoimentos escritos pelos estudantes nos questionários da pesquisa. Destaco os seguintes fatores:

A) “Tem muito ‘malaco’ lá sabe, só tem ladrão”

- 48 A questão da violência no bairro, sobretudo os assaltos à mão armada contra moradores nas vias públicas do Guamá foi apontada por 41% dos respondentes como o principal fator e razão de escolha dos caminhos dos estudantes do “Zaca” e do “Madre” que responderam o questionário. Embora se diga entre os estudantes que “ladrão não tem cara”, o “malaco” (gíria para ladrão) é muitas vezes definido como um “moleque” que “anda de bicicleta”, que usa “boné” e que é “escurinho”, “morenã”. “Malaco” é dificilmente associado a “não-negro”. Por isso, a “rua de malaco” é evitada para as andanças, do mesmo modo como que se evita escolhê-la, caso algum colega nela resida, para fazer os trabalhos escolares em grupo, o que implica em avaliar a qualidade das ruas pelas quais se evita trafegar por meio de uma sutil e implícita estetização social das pessoas que moram nelas. Salienta-se que o “morar bem” denotou por vezes um “embranquecimento”, no sentido de uma *morenização*, em um gradiente de cor que dependeu do sujeito que classificava (Maggie, 1994, p. 150), pois o prestígio obtido com o *viver bem* pareceu estar presente na dinâmica de classificação de cor entre os estudantes. Isto é, quem “mora bem”, na “parte boa” do Guamá tende a ser heteroclassificado e autoclassificado¹⁹ como “moreno claro”, “moreno” ou “branco”.

B) “É uma rua escrota, só vala, só cratera e me roba”²⁰.

- 49 22% dos estudantes respondentes apontaram a má estrutura de pavimentação e asfaltamento das vias como razão principal de opção pelas vias *trajetadas* pelas (os) estudantes de ambas as escolas. Porém, como sugeri antes, a combinação de “rua escrota”, rua do “me roba” onde tem “cratera” e “rua de malaco” interditam a rua (e as pessoas que nela residem) de muitos roteiros de andanças e périplos, de modo que a imagem depreciativa que se tem de determinadas vias e “setores” do bairro se reforça nesta intersecção com o “escurinho” e o “morenã”. Isto é, quem mora na “parte ruim”, “escrota”, de “malaco”, do “me roba” tende a ser classificado como “moreno escuro”, “morenã” ou “escurinho”. Esta “parte ruim” é evitada de muitos roteiros de Andanças.

C) “Porque eu conheço essas ruas aí”

- 50 *Ver e ser visto*, ser conhecido no “setor”, enxergar alguns moradores das vias escolhidas, além de ser enxergado e ser visto nelas, foi a razão apontada por 16% dos respondentes de ambas as escolas. Os grupos de estudo são importantes para construir esta rede do ver e ser visto, assim como por meio das Andanças que são realizadas pelas casas de colegas.

D) “É asfaltada ela, dá pra andar nela bacana”

- 51 Diferentemente do segundo fator apontado (B) pelos estudantes, as vias asfaltadas e pavimentadas são apontadas por 12% dos estudantes como uma razão com base na qual se escolhe tramitar por elas.

E) “É mais rápido pra chegar na escola se eu vir por lá”

- 52 Somente 9% dos estudantes respondentes apontaram o fator *rapidez* como razão com base na qual se opta em escolher os caminhos transitados.

- 53 Os périplos acima delineados podem ser associados às evitações do perigo da violência que existe no bairro. De modo geral, é evitação do medo e evitação das ruas não-asfaltadas, “escrotas”, “ruins” – e, de certo modo, das “pessoas ruins” moradoras das ruas classificadas de modo inferiorizado como ruas do “me roba”.
- 54 Por fim, pode se concluir o seguinte. As *Vilegiaturas* designam Errâncias-Trajetos em espaços educacionais de apoio pedagógico extra-escolar e de lazer, nos quais os professores e colegas dessas atividades extra-escolares são atores de socialização extra-familiar. Observei as *vilegiaturas* entre os estudantes do “Madre”, sobretudo os da manhã, autotclassificados majoritariamente como “brancos”, “morenos”, “morenos claros” e “pardos”. Os *Périplos* designam o movimento de **evitação x privilegiamento** dos caminhos escolhidos pelos estudantes para se chegar às escolas e delas retornar para casa. Essa **evitação x privilegiamento** é determinada, em primeiro lugar, pelo “fator” violência, seguido do asfaltamento das vias e pela distância do caminho percorrido entre casa e escola. Todos os estudantes fazem *Périplos*. As *Andanças* são um tipo de movimentação que arregimenta os grupos de estudantes de uma mesma escola para realizar um processo de recuperação de espaços gentrificados por meio de atividades de lazer e de escolarização; observei essa prática entre estudantes das duas escolas, mas principalmente entre os do “Zaca”, majoritariamente autotclassificados como *pardos, pretos, morenos e morenos escuros*. De modo geral, as três práticas se entrelaçam e se confundem, deixando pouca possibilidade de distinção e classificação categóricas, como estas que realizei neste artigo.

BIBLIOGRAFIA

- CONNEL, R. W. **Políticas da Masculinidade**. In: Revista Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, nº 2, 185-206, Jul-Dez, 1995.
- HALEY, Alex. **Raízes: volume I**. Edições livros do Brasil – Lisboa. 1976.
- JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes, breve histórico das Errâncias Urbanas**. São Paulo. In: Revista Arquitextos, nº 53, Portal Vitruvius, outubro 2004.
- LÓPEZ, Nancy. **Rewriting Race and Gender High School Lessons: Second-Generation Dominicans in New York City**. Teachers College Record. Columbia University. Volume 104, n.6, September 2002, pp. 1187-1203, 2002
- MAGGIE, Yvone. **Cor, Hierarquia e Sistema de Classificação: a diferença fora do lugar**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 14, 1994, pp. 149-160.
- MAGNANI, José G. Cantor. **Festa no Pedaco: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo, Editora UNESP. 2ª Edição. 1998
- _____. **Da Periferia ao centro: pedaços & trajetos**. In: Revista de Antropologia, v. 35, p. 191-203. USP. São Paulo, 1992.
- _____. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. Revista Brasileira. de Ciências Sociais: Sociologia. vol. 17 nº 49, São Paulo: Junho. 2002.

----- . **Rua, símbolo e suporte da experiência urbana.** [online]. In: NAU- Núcleo de Antropologia Urbana da USP. 2009. Disponível no URL: <http://www.n-a-u.org/ruasimboloesuporte.html>. Capturado em 17/12/2010.

MENDES, Luis. **O Contributo de Neil Smith para uma Geografia crítica da Gentrificação.** In: Revista E-metropolis, Lisboa, n° 1, Maio, 2010.

MOTTA-MAUÉS, Maria A.; IGREJA, Daniele; DANTAS, Luisa. **De casa em casa, de rua em rua... Na cidade: Circulação de crianças.** In: 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2008, Porto Seguro-BA. 26ª Reunião Brasileira de Antropologia. Brasília: Associação Brasileira de Antropologia, 2008, vol. 1, p. 1-19.

MOTTA-MAUÉS, Maria A. **Uma vez "Cria" sempre "Cria" (?): adoção, gênero e geração na Amazônia.** In: LEITÃO, Wilma Marques; MAUÉS, R. Heraldo. (Orgs.). *Nortes Antropológicos: trajetórias*. 1ª ed. Belém: EDUFPA, 2009, p. 157-170.

PINTO, Regina P. **Os Problemas Subjacentes ao Processo de Classificação da Cor da População no Brasil** In: ROSEMBERG, Fúlvia; PINTO, Regina P; OLIVEIRA, Eliana de; PIZA, Edith (Orgs.). *A Classificação da Cor no Brasil*. Anais da XXI ANPOCS, 1998.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **O Problema do Negro na Sociologia Brasileira.** In: *Introdução Crítica à Sociologia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995, p. 157.

SIMMEL, Georg. **Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal.** In: Georg Simmel, *Sociologia*. Evaristo de Moraes Filho (org.) São Paulo: Ática, 1983.

VELHO, Gilberto. **A Utopia Urbana: um estudo de antropologia social.** Rio de Janeiro, Zahar, 2ª Edição, 1975.

WATSON-GEGEO, Karen A. **Ethnography in ESL: defining the essentials.** In: *Tesol Quartely*, Alexandria, v. 22, no 4, p.575-592, Dec. 1988.

NOTAS

1. Todos os estudantes que participaram da pesquisa tinham idade entre 15 e 19 anos.
2. “Zaca” e “Madre” são termos usados por estudantes, professores, familiares de estudantes e moradores do Guamá para identificar de modo genérico e nativo cada uma das instituições.
3. João de Deus e Ezeriel são ruas da Comunidade Riacho Doce, situada ao lado do Campus da UFPA.
4. Refiro-me aos principais jornais do Estado. SANTOS, Cláudio. “Escolas encampam o combate à violência contra crianças e adolescentes”. Guamá: quatro escolas fazem programação especial para alertar alunos sobre o problema. *O Liberal*, Pará, 17 de Maio. 2010. Caderno Atualidades, p 13; BARROS, Edvaldo. Pesquisa mostra violência no entorno de escolas no Guamá. *Diário do Pará*, Belém, 22 de Fev. 2011. Cadernos Comunidade, p. 16; AMARO, Simone. “Violência cresce 21,03% em Belém: Guamá está na ponta”. *Diário do Pará*, Belém, 21 de Jan. 2009. Caderno Comunidade, p 19.
5. Neste perímetro, localiza-se o 20º batalhão da Polícia Militar, duas lojas de diferentes empresas locais de farmácias conveniadas (em ambas as empresas há pagamentos de contas de água, luz e telefone dentre outros serviços que recebem dinheiro vivo, bem como um setor de venda de produtos alimentícios e eletrônicos) uma Ótica, três lojas de departamentos (em duas delas existem caixas eletrônicos), uma concessionária de motos, uma loja de sapatos e artigos esportivos, um açougue (no qual também existe um caixa eletrônico) assim como uma loja de roupas.

6. Vale explicar que as bibliotecas das escolas funcionam entre 10h00min e 15h00min, embora no “Madre” este horário se estenda até as 19h00min, mas com serviço interno. No “Zaca”, a biblioteca funciona apenas em dois dias da semana, e, após o término do horário letivo, não é permitida a permanência dos estudantes no interior das salas de aulas em ambas as escolas.
7. RAMOS, Alberto Guerreiro. O Problema do Negro na Sociologia Brasileira. In: *Introdução Crítica à Sociologia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995, p. 157.
8. Pouco noticiada pela imprensa local, a morte por afogamento na orla da UFPA de um estudante do segundo ano do turno vespertino do “Zaca” em Abril de 2010.
9. *Flanâncias*, *deambulação* e *derivas* seriam as etapas históricas de Errâncias, concebidas e realizadas como movimentos artístico-críticos ao controle urbanístico (Jacques, 2007, p. 21-22).
10. A Gentrificação consiste em “um processo de filtragem social” que desencadeia um movimento de recomposição e de substituição operadas no mercado habitacional que retira de bairros antigos e populares seus tradicionais moradores. Estes bairros se transformam em bairros de classes médias e altas (obviamente, os antigos moradores não se transformam em classe média), reforçando segregações sócio-espaciais e uma divisão social do espaço urbano. (Mendes, 2007, p. 23). No Guamá, se é possível falar de Gentrificação, ela se concentra na micro-região da “*parte boa de morar*”, ou seja, o perímetro dos novos conjuntos habitacionais e dos pontos comerciais – próximos ao batalhão de Polícia Militar.
11. Para Magnani (2003, p. 116) “O termo [Pedaço] na realidade designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade”. Ser do *pedaço* é ser parte de uma rede de sociabilidade agregadora de vínculos sociais duráveis. Ser do *pedaço* é ser incluído, é fazer parte de um grupo relacional, cuja abrangência extrapola os alcances meramente espaciais desta rede.
12. Embora *Errâncias-Trajeto*s consista em uma proposta de nomeação das modalidades de circulação dos estudantes pelo bairro com íntima relação e dependência aos espaços delimitados por “*meu setor*”, “*perto de casa*” e “*minha escola*”, a noção de *Circuito* ainda orienta esta tentativa de descrição, uma vez que há um conjunto *limitado* de equipamentos e serviços usados pelos estudantes (Magnani, 2002, p. 19). Ademais, alguns pontos de percurso das *Errâncias-Trajeto*s são caracterizados por passagens em ruas e escolas proibidas. Isto é, andar pelo “*setor*” perigoso é possível, pois se tem um “*avil*” que é de lá.
13. No período da pesquisa, acompanhei três (3) grupos de estudantes nas escolas. Sem a intenção de estudar detidamente como ocorre a formação destes grupos, tomados grupalmente com base na recorrência das práticas observadas, isto é, a dinâmica de circulação espacial destes grupos. Vale salientar que há um tipo de circulação individual, sobretudo no “*Madre*”, cujas ações foram resumidas no tipo de *Errâncias-Trajeto*s que, mais adiante, identifiquei como “*vilegiaturas*”. Pelo menos dois grupos de estudantes, ambos do “*Zaca*”, não fazem grupos de estudos. Ou seja, nem todos os *grupos de estudantes* organizam *grupos de estudos*.
14. As duas redes de farmácias conveniadas têm grande abrangência na região metropolitana de Belém. Oferecem bons salários para o padrão de mercado de trabalho da cidade, cujas ofertas de empregos são procuradas por muitos egressos do ensino médio das escolas públicas do Guamá. Os grupos de estudantes, sobretudo nas quintas e sextas feiras, compram vários tipos de alimentos industrializados para consumá-los em grupo, consumindo o dia, antes de voltar pra casa, durante os roteiros das andanças.
15. “*Tabernas*” são micro-comércios que vendem os mesmos produtos comercializados pelos Supermercados, mas em pequena escala e sem a variedade de opções que o segundo apresenta.
16. Expressões como “*comer*”, “*dar um picote*”, “*sair da pedra*”, “*ficar*”, “*dar*”, “*pegar*” e “*comer*” são usadas pelos rapazes como pelas moças para se referir ao intercuro sexual.

17. “Escrotação” é uma agressão verbal truculenta recebida, sobretudo, da mãe, em decorrência de indisciplina, seguida muitas vezes por castigos físicos por conta de atrasos sucessivos não-explicados aos pais quando retornam da escola. Geralmente, a escrotação para os estudantes os expõe diante da vizinhança e dos colegas que os visitam, isto é, os gritos da mãe são motivos de vergonha.

18. Para Simmel, são as forças reais, as necessidades e impulsos concretos da vida social que produzem formas de comportamento ajustadas ao jogo. Enquanto processo autônomo, os envolvidos buscam retirar do jogo sua gravidade. “É isto que dá ao jogo tanto a sua jocosidade quanto seu sentido simbólico, através do qual se diferencia da mera brincadeira” (1983, p. 167-168).

19. Autoclassificação se refere a um modo individual de se definir conforme a cor. Heteroclassificação corresponde ao movimento de classificação realizado por uma pessoa ou grupo sobre outra pessoa ou grupos. Ambos denotam um esforço classificatório racial aproximado dos grupos sociais, diferenciados segundo contextos regionais, compondo modos relacionais de se perceber socialmente em correlação com outros marcadores identitários como classe, gênero, origem, etc. (Pinto, 1998, p. 6-23). No contexto estudado, “moreno” e “moreno claro” são termos semanticamente próximos a “Branco”. “Moreno escuro” e “morenã” são contíguos a “Preto”. Estes termos são concebidos dentro de uma lógica de mestiçagem e ambigüidade, mas se polarizam e se hierarquizam entre estudantes conforme a moradia.

20. “Cratera” é uma gíria para os buracos de esgotos abertos no meio de ruas do Guamá. “Me roba” é força de expressão local que classifica ruas, becos e passagens como locais “perigosos”. Assaltos, intimidações e extorsões a pessoas que não residem nestas vias, vendas de drogas e até invasões em residências de seus moradores são ocorrências ditas como comuns nos lugares do “me roba” pelos estudantes.

RESUMOS

A partir de uma pesquisa organizada para a elaboração de dissertação de mestrado sobre a relação entre cotidiano escolar, processos identitários e discriminação racial, este artigo identifica e propõe uma classificação dos modos de circulação urbana e modalidades de vivência e interação social em locais comerciais, espaços residenciais e em vias públicas do Guamá, bairro da periferia (ou baixada) de Belém, no Pará, entre estudantes de duas escolas do bairro, indicando sutis distinções de classe, raça e gênero na vivência desta circulação. Assim, o tom ensaístico do artigo se preocupa em destacar a direta associação entre escola e lazer, para alguns grupos de estudantes e um processo de vida escolar agendada para outros grupos, destacando o modo como as demandas pedagógicas se fazem presentes na vida fora da escola.

From a research organized for preparing master's thesis on the relation between school life, identity processes and racial discrimination, this article try to classifies and identical modality of urban traffic and mode of living and social interaction at commercial locations, residential spaces and public streets in Guamá, a neighborhood on the outskirts (ou *baixada*) from Belém, Pará, between students from two schools in the district, indicating subtle distinctions of class, race and gender in the experience of this movement. Thus, the tone of the article essayistic cares to highlight the direct association between school and leisure, for groups of students from public

school and a planned process of school life for students from private schools, highlighting the way in which the school is pedagogic demands are made present in life outside school.

ÍNDICE

Keywords: urban circulation, schools, leisure

Palavras-chave: circulação urbana, escolas, lazer

AUTOR

ALAN AUGUSTO MORAES RIBEIRO

alanaugustoribeiro@yahoo.com.br.

Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

Doutorando em Sociologia da Educação pela Universidade de São Paulo (USP).